



O MEIRINHO.

JORNAL CRITICO E LITTERARIO.

ANNO XI

NUMERO 316

Domingo { Publica-se uma vez por semana e subscreve-se nesta } SERIE
27 { Typ. a 1\$000 reis por uma serie de 4 numeros } 70

ALBUM DA CRITICA.

RISCOS E TRISCOS.

Ridendo dicere quid verum vital?

Caros leitores!

Não ha nada como tudo o mais é historia.

Em materia de delicadeza — recebam minhas *barretadas*, deem lembrança a *prima* e *trovejemos* o *verbo* anesmo gostoso.

Está dito, está feito.

Dizer verdades não é defeito.

§

Ainda uma vez foi transferida a loteria cearense, que estava marcada para correr a 24 do corrente.

Esta está protegida pelo *Ze Urú*!!

Na minha opinião achava prudente ou acertado que o Dr. Satyro Dias acabasse com essa *fulrica* e não consentisse *amollarem* mais a paciencia de tanta gente.

Esta transferência de loteria lá para Abril — é uma *pulha*!

Lá isto é.

§

A festa de S. Sebastião, em Maranguape, esteve *onça*.

D'esta vez deu materia até para os jornaes grandes.

Se não se acaba tão cedo talvez houvesse até *lenha*, pois o namoro não foi d'este mundo.

E eu dizendo

§

O Julio das bragas veio *azêdo* da lá dos Maranguapes.

Quem te mandou, *chifre de cabra*?

Os meninos do Cezario e do Sombra metteram o pobre rapaz n'um *sarilho* que quasi o *endoucem*-n'o.

O que é certo é que diz — que nunca

mais *bodas ao céu*, principalmente com *trózas* de namoradas igual a sua, que é uma *doidella*.

E o rapazinho tem razão, pois ainda hoje anda vendo as *sombras* dos seus *rivaes*.

Coitado do Julio,

Coitado d'elle;

Quasi tomam-lhe a menina

E castram elle.

§

Afinal está deputado o Sr. José Viana dos amores *ripardo*.

Tenho gostado de vê-lo depois que se metheu em tal empreza.

Inhor, sim!

Anda todo *têzo*, todo de lençinho ao pescoço e todo feito mesmo um *rapazinho do trinco*, sahido mesmo da *pan-tinha da agulha*.

Quero vê-lo mais *portém* é lá n'assembléa — botando *fallação*.

Ahi, sim!

Ate lá . . . custa pouco.

§

Em certa rua, perto d'uns trilhos de *bond*, existe uma menina de cara *os-frivelmente larga*, que está fazendo uma nojenta *estica* com certo *Totonho*, moço também de *boa cara*.

O rapaz não é má creatura, não; *porém* também não tem la muita *paixão* pelo *casorio*, que é pelo que a sua *pratélica* suspira.

Coitada l. . . gosta do *soiz*!

§

Então, seu *capitãozinho* das *matamatas*, como vamos de *derriço*?

A menina espera que Sa. Sa. fique *viúvo* ou não?

Faço-lhe esta pergunta por que ella tem um *pretendente*, que deseja saber de Sa. Sa. — o que *entende do mundo*?

Capitãozinho, tome geito!

§

A gente do *Cearense* tomou a da *Gazeta* para seu *deboche* que é aquella lastima.

É muito bem feito!

Se os *minús* tivessem sustentado-se sempre em opposição franca aos *ripar-dos*, desde o tempo das *fleurinas*, elles talvez hoje não estivessem pintado o *sete*...

Agora é *tossirem cumá da outra vez*.

É mais uma lição.

§

Segundo diz o professor Calassa, o Arraz já não dorme á mais de uma *se-manna*—pensando na sua felicidade ou desgraça.

Se isto é verdade, o que acredito ser, pois o professor não mente, acabará sempre doudo o futuro *pai da patria*.
Pódem crer, leitores!

E sabem por que?

Por que—ou *deputado ou taboquin-do*—ha de dar sempre as de Villa Dio-go, pois foi *vario* em pequeno e *vara-do* depois de grande.

Infeliz *camafonge*!

§

Estamos armados, leitores!

Podemos zombar da Sra. Morte e até mesmo mandal-a *bujiar*!

E por que não?

Nos ultimos paquetes do Sul tem vindo para aqui mais *doctor medico* do que fardo do *xarque* ou barrica de *ba-calhão*.

Ora, todos juntos ou *arregimenta-dos*—vencem a tudo quanto é *morte* e ainda *sobra gente*.

Segundo o capitão Zé Geraldo, se fos-se *genera* de pagar *imposto* n'alfandega—esta repartição havia tido um *rendi-mento* espantoso.

E eu concordo.

§

Tenho lido ultimamente nos jornaes d'aqui a seguinte noticia:

« Está organizada, em Londres, a companhia para o melhoramento do porto do Ceará, de acordo com a concessão feita ao Sr. commendador Tobias Figueira de Mello e outros. »

Quando chegara por aqui esta companhia?

Talvez para depois da *corrida* da nossa loteria ou para quando *chover* arraz.

É o mais certo.

§

Segundo diz a *Candinha dos meni-nos*, na Praça do Marquez do Herval está *sahindo poeira velha*.

Anda ali uma rapazeada *esticadeira* que é um gosto ver e outro contar.

Vou dar um *bacurejo* por ali.

§

A rua do General Sampaio está mes-mo *badêja* ou então *badêjona*, como lá dizem.

É só aonde se sabe namorar a *uffa* ou a braço solto, segundo contou-me o capitão João Costa.

Faz inveja ver-se ali um *Néco* feito um *nico*—conquistando a sua *Virginia*.

E por que não?

É quem póde!

§

Tenho dito; e mais direi, porém não gé.

O Bispo.

TENHO RAIVA.

Tenho raiva, tenho dito,
Raiva tenho e vou dizer,
Vou dizer, vou declarar,
Só p'ra gente *se moêr*.

Tenho raiva de quem sendo
Sujeito muito safado
Quer passar eu se *fizer*
De cidadão muito *honrado*.

Tenho raiva de quem é
Refinado *adulador*,
E desempenha este *officio*
Com todo o seu *disputador*.

Tenho raiva e muita raiva
Da *meça* *namoradeira*,
Que só vive na *janella*
Sem olhar a *costureira*.

Tenho raiva da *biata*,
Que a todo *padre* *rasteja*,
E deixa os seus *affazeres*
P'ra viver só na *egreja*.

Tenho raiva do *casato*,
Que *maltrata* a *espoza sua*
Por qual *baixa* *michela*,
Be qualquer *bixa* da *rua*.

Tenho raiva, tenho dito,
Raiva tenho e vou dizer,
Vou dizer, vou declarar
Só p'ra gente *se moêr*.

Tenho raiva, tenho dito,
Raiva tenho e quero mal
A quem é conservador
E vota n'um liberal.

E tenho raiva tambem
Do sujeito sem pudor,
Que sendo seu liberal
Vota em conservador.

Tenho raiva e muita raiva,
Raiva tenho e faço briga,
De quem vive em politica
Só com negocio de riga

Tenho raiva, meus leitores,
Desse policias sumenos,
Que são capaios dos grandes
E carrasco dos pequenos.

Tenho raiva e fero furo
Com todo typo pacova,
Que costuma da mulher
Apanhar bonita sova.

Tenho raiva do rapaz
Que não se dando a respeito
Vive levando carão
De todo e qualquer sujeito.

Tenho raiva e muita mesmo
De todo o typo casado,
Que se gosta de fazer
Do bonito namorado.

Tenho raiva, tenho dito,
Raiva tenho e vou dizer,
Vou dizer, vou declarar
Só p'ra gente se moêr.

Tenho raiva mesmo sêria
De todo negociante,
Que é fino caloteiro
E refinado tratante.

Tenho raiva, fico preto,
Minha mente dasatona
Com quem quer à força amar
A qualquer moça ou meolina.

Tenho raiva de fiscaes
(Tenham santa paciência),
Que se fazem cegos, cegos,
Porém por... conveniencia.

Tenho raiva de engenheiro
De estrada—principalmente,
Que sendo mestre cavallo
Quer tragar de intelligente.

Tenho raiva de poeta,
De poeta—vacquidade,
Que vive a offerter versitos
A qualquer bella delidade

Tenho raiva de esdante,
Que não sabendo nem ler
Escreve litteraturas
E é bom poeta quer ser.

Tenho raiva, tenho dito,
Raiva tenho e vou dizer
Vou dizer, vou declarar
Só p'ra gente se moêr.

Tenho raiva de mentiro,
On'toda sedendo a urina
Que fazer-se não se dá
Do qual por isso se cria

Tenho raiva, meus leitores,
Tenho lá minhas zanguinhas
De moça magrelha e feia,
Que se anda de anquinhas.

Tenho raiva do patife,
Filho de boi ou de vacca,
Que anda pedindo moça
Sem ter casa p'ra casaca.

Tenho raiva que me esgano
De gallego joalheiro,
Que além de mais e tudo
É até fino estradeiro.

Tenho raiva de viúvas
Frescalhonas, boitotas,
Que vivem namorizando
Com qualquer um barra-botas.

Fra Diavolo.

SESSÃO SERIA

— Afim de visitar a sua familia, chegou no ultimo paquete do sul o nosso intelligente amigo e patricio—Francisco Dias Martins, que acaba de fazer brilhantemente o seu 3.º anno medico, na faculdade do Rio de Janeiro.

Ao illustrado amigo—nossos cumprimentos.

— Temos o prazer de apresentar ao respeitavel publico cearense o Sr. João Ricon, fabricante de cerveja nacional, que acaba de chegar de Pernambuco e pretende estabelecer aqui uma casa d'esto genero.

O Sr. João Ricon é um dos principaes socios da firma—João Ricon & Ca., fabricantes de cerveja, no Recife, e achou-se hospedado no Hotel do Norte.

— Hoje, 27 do corrente, terá lugar, no theatro S. Luiz, o espectáculo em beneficio do artista Raymundo Amora, nosso indito patricio.

Este espectáculo, que a eximia ar-

tista D. Manoela Lucci teve a philantropia de offerecer a sociedade—*Fraternidade e Trabalho*—em favor do nosso infelz. comprovinciano, deve merecer toda coadjuvação do nosso publico.

—O sympathio artista Mesquita, gala da companhia dramatica da Sra. D. Manoela Lucci, querendo dar um rasgo de sua generosidade, em favor do artista Raymundo Amora, dirigiu uma carta á sociedade—*Fraternidade e Trabalho*—pondo a sua disposição não só o seu trabalho como ainda um dia de seu trabalho.

Ação tão bonita colloca-se acima de todo o elogio.

GALERIA DO POVO.

MEL DE PAO.

Na serra do Acarape
Tem um forte tabocal,
E o seu cultivador
E' o Xico mel de pão.

Não te illudas, minha bella,
Com o typo sem rival!
E' de todos conhecido
O seu Xico mel de pão.

E' bruto por excellencia,
Tem olhos de curujão,
Tem o fuchinho de porco,
Tem as ventos de furão.

Procede qual Alabama
Este typo Miringote!
Quando dá p'ra chupar canna,
De cada vez é um pote.

†

MOTTE.

Quero morrer afogado
No teu còlio Acoram-Zinha!

GLOZA.

Bravos! 'Stou apalxonado!
De ti não tenho receios.
Acoram entre teus seios,
—Quero morrer afogado.
Têr-te sempre ao meo lado,
Affagar-te com boquinha,
Dizer para o mundo, « és minha: »
São estes os meus desejos.
Inda que môrra entre — beijos
— No teu còllo Acoram-Zinha!..

Joffe.

†

OUTRO.

As virgens de Maranguape
São lindas como os amores

GLOZA.

Do grande immenso Acarape
Vê-se as bellezas dos Ceos!
E vi lindas como Deos
—As virgens de Maranguape.
Foram brincar no Iguaque
Voltaram colhendo flores!
Aprelei os primores
Das bellas d'aquella serra!
As virgens da minha terra
—São lindas como os amores.

Democrata — Piau.

†

OUTRO

Na Igreja do Rosario
O cacete trovejou.

GLOSA.

Dos congos o secretario
Xavier braco colô,
Apanhou de fazer dô
—Na Igreja do Rosario!
Foi um caso extr'ordinario,
Que muito me horroresceu.
Mas já q'elle se passou,
Só digo isto e não minto,
Da Igreja no recinto
—O cacete trovejou.

Joffe.

†

TRIOLET.

Quando espirro quasi morro,
Quasi morro quando espirro,
Tenho a sorte de um cachorro
Quando espirro quasi morro!
Subo a serra e desço morro,
Logares com que eu embirro,
Quando espirro quasi morro,
Quasi morro quando espirro.

ULTIMA HORA.

Grande novidade!

Cousa soberba!

Successos dos successos!

O Padre Nosso, de combinação com
a Ferro-corril, faz nova experiencia de
sua engazopadella, na P. d'Alfandega.
P'ra variar.

Ceará, rua da Palma 116—Typ. Ameri-
cana — Imp. por T. E. de Almeida.